

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – CCH  
ESCOLA DE BIBLIOTECONOMIA – EB

MARIANA CAROLINE MEDEIROS LOPES PETERSON

DO CÁLAMO A ETERNIDADE:  
os suportes da escrita no Egito Antigo

Rio de Janeiro  
2016

**MARIANA CAROLINE MEDEIROS LOPES PETERSON**

DO CÁLAMO A ETERNIDADE: os suportes da escrita no Egito Antigo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Ms. Stefanie Cavalcanti Freire

Co-orientador: Prof Dr. Antonio Brancaglioni Junior

Rio de Janeiro  
2016

P485c

Peterson, Mariana Caroline Medeiros Lopes.

Do cálamo a eternidade:os suportes da escrita no Egito Antigo/ Mariana Caroline Medeiros Lopes Peterson. - 2017.

54 f. : color il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) — Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

Orientadora: Stefanie Cavalcanti Freire

Co-orientador: Antonio Brancaglioni Junior

Bibliografia : f. 43-45

1.Suportes da escrita. 2. Egito Antigo. 3. História do livro.  
I.Freire, Stefanie Cavalcanti, *orient.* II. Brancaglioni Junior, Antonio, *orient.* III. Título.

CDD 090.930

MARIANA CAROLINE MEDEIROS LOPES PETERSON

DO CÁLAMO A ETERNIDADE: os suportes da escrita no Egito Antigo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Ms. Stefanie Cavalcanti Freire

Co-orientador: Prof. Dr. Antonio Brancaglioni Junior

Aprovada em            de            de            .

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup> Ms. Stefanie Cavalcanti Freire (Orientadora)  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

---

Prof. Dr. Antonio Brancaglioni Junior (Co orientador)  
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

---

Prof. Ms. Vinícius Tolentino  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Gisela Chapot  
Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro (FSBRJ)

Para minha avó Thereza Medeiros Lopes, *in memoriam*.  
Com todo o meu amor.

## AGRADECIMENTOS

Início os agradecimentos deste Trabalho de Conclusão de Curso por minha família, minha mãe Maria Dolores Lopes e meu irmão João Victor Ligier Lopes Peterson, agradeço todo apoio e por estarem sempre comigo, nós três sabemos o quanto foi difícil e esperado chegar até aqui, amo vocês, sempre! Agradeço à minha tia Fernanda Lopes Freitas pela ajuda na época do vestibular, pagando todas as minhas inscrições e acreditando em mim. Agradeço à minha orientadora da UNIRIO professora Stefanie Freire pela disponibilidade e carinho, por aceitar orientar um TCC sobre um tema incomum na Biblioteconomia. Agradeço especialmente ao co-orientador deste Trabalho professor Antonio Brancaglioni Junior, do Museu Nacional da UFRJ, por toda ajuda, pela sua disponibilidade, livros, conversas e aulas bem como por sua paciência e revisão deste texto, minha gratidão eterna, *alf shukran!*

Agradeço ao professor Fabiano Cataldo por suas indicações e aos professores da banca Vinícius Tolentino e Gisela Chapot pela pronta disponibilidade. Agradeço à Biblioteca do Museu Nacional por todas as oportunidades de aprendizado, em especial à Leandra de Oliveira por todas as ajudas e por permitir que eu pudesse participar de tantas coisas no tempo do estágio, tenho certeza de que se não tivesse participado da Semana de Egptologia da UFRJ em 2015, a vontade de falar sobre o Egito Antigo no TCC não teria se concretizado. Agradeço ao Seshat - Laboratório de Egptologia do Museu Nacional (UFRJ) por mostrar que o estudo do Egito Antigo não está restrito a uma área do conhecimento apenas. Agradeço à Antonio Lima por todo o carinho e consideração que sempre teve comigo e à Joana Chasse pela amizade, sugestões e imenso auxílio na normalização deste TCC e à todos os que torceram e enviaram pensamentos positivos à este projeto.

A certeza de que alguma prateleira em algum hexágono encerrava livros preciosos e de que esses livros preciosos eram inacessíveis afigurou-se quase intolerável. (Jorge Luis Borges)

## RESUMO

Este trabalho apresenta-se como uma tentativa ao estudo dos suportes de registro escrito da Antiguidade, mais especificamente ao estudo dos suportes no Egito Antigo (3.150 A.c - 30 D.c). Optou-se pela realização de levantamento bibliográfico para sua fundamentação, basicamente, a partir de literatura científica estrangeira, pois o tema não é muito abordado no Brasil. O estudo justifica-se mediante a contribuição dos suportes de escrita do Egito Antigo para a perpetuação do conhecimento através dos séculos e como podemos compará-los com os registros de conhecimento atuais, na questão da preservação. Objetiva-se a descrição dos principais tipos de suporte, além de pigmentos e instrumentos de escrita e espera-se contribuir para estudos futuros na área de Biblioteconomia com temas relacionados a Antiguidade e para o estudo da Biblioteconomia com áreas afins, buscando-se a convergência da área e suas possibilidades por meio da multidisciplinaridade. Conclui-se que a variedade de suportes da escrita, além do papiro, fez-se presente no Egito Antigo, contribuindo para a preservação dos registros escritos da Antiguidade.

**Palavras - chave:** Suportes da escrita. Egito Antigo. História do livro e das bibliotecas. Preservação.

## **ABSTRACT**

This work presents an attempt to the study of holders of written record of Antiquity, more specifically to its study in the Ancient Egypt (3.150 B.c - 30 A.c). Foreign scientific literature was chosen in order to its support, as the subject is not much addressed in Brazil. The study is justified by the contribution of the writing supports of Ancient Egypt to the perpetuation of knowledge through the centuries and, moreover, how they can be compared with the current records of knowledge, in regard of preservation. It aims to the description of the main types of writing support, in addition to pigments and writing instruments and expect to contribute to future works in the field of Librarianship with topics related to Antiquity and to the study of Librarianship with related fields, seeking convergence between the area and its possibilities through multidisciplinary. It is concluded that the variety of writing supports, besides papyrus, was present in Ancient Egypt, contributing to the preservation of written records of Antiquity.

**Keywords:** Writing supports. Ancient Egypt. History of book and libraries. Preservation.

## SUMÁRIO

<b>1.INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1.1 Problemática da pesquisa e justificativa</b> .....	12
<b>1.2 Objetivos geral e específicos</b> .....	12
<b>1.3 Procedimentos Metodológicos</b> .....	12
<b>2. CONCEITOS FUNDAMENTAIS</b> .....	14
<b>2.1 O Egito Antigo</b> .....	14
<b>2.2 A materialidade do suporte</b> .....	15
<b>3. JEAN-FRANÇOIS CHAMPOLLION</b> .....	16
<b>3.1 A Pedra de Rosetta</b> .....	17
<b>4. A ESCRITA QUE PERMANECE: O PODER SOCIAL DA ESCRITA NO EGITO ANTIGO</b> .....	19
<b>4.1 Os deuses e a representação divina do conhecimento</b> .....	19
<b>4.2 Seshat: “A principal da biblioteca”</b> .....	19
<b>4.3 Thoth</b> .....	20
<b>4.4 O ofício do escriba</b> .....	22
<b>5. A LÍNGUA EGÍPCIA E SUAS ESCRITAS</b> .....	23
<b>5.1 A língua egípcia</b> .....	23
<b>5.2 A escrita egípcia</b> .....	25
<b>5.3 Os tipos de escrita</b> .....	25
<b>5.3.1 Hieróglifos: “As palavras sagradas”</b> .....	26
<b>5.3.2 A escrita hierática</b> .....	27
<b>5.3.3 O demótico</b> .....	27
<b>5.4 Características e singularidades da escrita egípcia</b> .....	28
<b>6. MATERIAIS PARA ESCRITA</b> .....	31
<b>6.1 Paletas</b> .....	31
<b>6.2 Utensílios para a guarda dos instrumentos de escrita</b> .....	32
<b>6.3 Tintas</b> .....	32
<b>6.3.1 Moedor de pigmentos</b> .....	33
<b>6.3.2 Godê</b> .....	33
<b>6.3.3 As cores</b> .....	34
<b>6.3.4 As tintas para a escrita: o vermelho e o preto</b> .....	34
<b>7. OS SUPORTES</b> .....	35

<b>7.1 Papiro.....</b>	<b>37</b>
<b>7.2 O óstraco e outros suportes.....</b>	<b>38</b>
<b>7.3 A escrita em monumentos e objetos.....</b>	<b>40</b>
<b>8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>42</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>44</b>
<b>ANEXO A – Mapa do Egito e Sudão.....</b>	<b>47</b>
<b>ANEXO B – Pedra de Rosetta.....</b>	<b>48</b>
<b>ANEXO C – Tipos de escrita.....</b>	<b>49</b>
<b>ANEXO D – Unilíteres ou uniconsonantais.....</b>	<b>50</b>
<b>ANEXO E - Bilíteres ou biconsonantais.....</b>	<b>51</b>
<b>ANEXO F - Trilíteres ou triconsonantais.....</b>	<b>52</b>
<b>ANEXO G - Fases da língua e da escrita.....</b>	<b>53</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Quando fala-se na diversidade dos suportes atuais de escrita, na Biblioteconomia, considera-se de forma geral os suportes eletrônicos, em muitos momentos, em contraponto no debate sobre o futuro do uso do papel, principalmente para fins literários. Incluem-se questões como a sustentabilidade e a preservação a este debate que apresenta-se intrínseco aos dias atuais. Buscou-se neste trabalho abordar outros aspectos da diversidade de suportes, apontando-se como ponto principal os registros escritos da Antiguidade. Encontram-se estudos sobre a Antiguidade principalmente a partir de pontos de vista históricos e da cultura material, sendo possível encontrar-se diversidade de suportes de escrita que vão além do papiro, considerando-se este, o precursor do papel como conhecemos hoje. A partir desta diversidade de suportes de escrita e registro do conhecimento - que, sabe-se, não mostra-se como característica informacional específica da sociedade atual, mas também como característica informacional da Antiguidade - procurou-se demonstrar alguns materiais e objetos que tiveram relevância no Egito Antigo neste quesito e que contribuem para o estudo, a preservação e registro do conhecimento até os dias presentes. Desta forma, espera-se ratificar o caráter multidisciplinar da área biblioteconômica que posteriormente pode gerar novos estudos, principalmente com foco em preservação e história do livro, tendo em vista os suportes e materiais da escrita também como fontes de informação, que podem ser exploradas como tal. Considerando-se na Biblioteconomia a possibilidade de aderir a conhecimentos de áreas afins e tendo-se como um dos principais objetivos o estudo da informação e de seus suportes, pretende-se contribuir para novos estudos em que a Biblioteconomia atue juntamente com outras áreas do conhecimento, expondo-se cada vez mais seu caráter multidisciplinar e precursor, como espera-se de uma área acadêmica que tem o acesso à informação como uma de suas principais questões.

### **1.1 Problemática da pesquisa e justificativa**

Levando em conta que o registro do conhecimento e o estudo de seus suportes são tópicos importantes para o estudo e desenvolvimento da Biblioteconomia, investigaremos a variedade de bases de registro textual no Egito Antigo, com o intuito de abordar suas contribuições para a perpetuação e transmissão do conhecimento da Antiguidade, até os dias atuais. Partindo-se do princípio de que tais suportes de registro do conhecimento não são, normalmente, apresentados em sua totalidade na formação biblioteconômica.

Este estudo justifica-se mediante a contribuição dos suportes de escrita do Egito Antigo para a perpetuação do conhecimento através dos séculos e sua possível comparação com os registros de conhecimento atuais, na questão da preservação.

### **1.2 Objetivos geral e específicos**

Objetiva-se apresentar a variedade de bases de registros textuais no Egito Antigo e suas contribuições para a perpetuação e transmissão do conhecimento.

Apresentam-se como objetivos específicos: 1) Identificar a variedade de bases de registros textuais que ocorreram no Egito Antigo, além do papiro e do pergaminho; 2) Descrevê-las através da literatura especializada; 3) Apresentá-las durante este Trabalho de Conclusão de Curso, também como fontes de informação; 4) Contribuir, a longo prazo, para que novos estudos multidisciplinares sejam realizados tendo a Biblioteconomia como norte, atuando com áreas afins.

### **1.3 Procedimentos metodológicos**

Os suportes da informação da atualidade são discutidos e analisados na academia, e são levantadas questões sobre a continuação dos livros de papel e seu uso concomitante aos livros digitais. A diversidade de suportes contemporâneos e antigos para o registro da informação é exposta no curso de Biblioteconomia da UNIRIO, e a partir disto, surgiu a inquietação para a realização desta pesquisa, objetivando-se

destacar o caráter multidisciplinar da Biblioteconomia através da descrição dos suportes da escrita no Egito Antigo, acreditando-se ser este, tópico de interesse das áreas de História do Livro e das Bibliotecas, Políticas de Preservação, e áreas afins (LIMA, 2015).

Optou-se pela realização de levantamento bibliográfico para a fundamentação deste estudo, basicamente, a partir de literatura científica estrangeira, já que o tema não é muito abordado no Brasil. Deste modo, tornou-se imprescindível o mapeamento nas obras de autores de áreas afins objetivando-se a descrição dos instrumentos da escrita do Egito Antigo. A partir deste ponto, utilizou-se análise de teóricos de áreas como a Egptologia e a Linguística, além é claro, da fundamentação teórica em autores da Biblioteconomia. Para o embasamento da descrição dos materiais buscou-se basicamente Lucas (1926) e Parkinson (1999), Davies (1996) e Allen (2010) para escrita. Para abordar questões relacionadas à religião, sociedade e cultura egípcias utilizou-se Hornung (2000), Brancaglione (2003), e Shaw (2000). Távora (2012), citando Marcuschi (2003) e Maingueneau (2001) para as questões relacionadas à Linguística. .

O apoio teórico na área de Biblioteconomia fundamenta-se sobretudo nos estudos realizados por Battles (2003), Pinheiro (2012) e Houaiss (1983), entre outros. Aponta-se a orientação da professora Stefanie Freire da UNIRIO e co orientação de Antonio Brancaglione Jr do Museu Nacional/UFRJ, com a opção de estudo pelo Egito Antigo definiu-se o corte temporal, histórico e geográfico para a abordagem do tema.

## 2. CONCEITOS FUNDAMENTAIS

### 2.1 O Egito Antigo

A civilização egípcia formou-se e desenvolveu-se com as cheias do rio Nilo, que garantia a agricultura.

A inundação trazia sedimentos ricos em substâncias minerais que se depositavam nas margens fertilizando a terra e permitindo a agricultura [...] A economia faraônica era basicamente agrícola [...] chegou a ter 5 milhões de indivíduos durante o Novo Império, o Nilo era ainda a via natural de circulação e transporte desde os tempos Pré-históricos (BRANCAGLION, 2003, p.1).

A figura do Faraó torna-se vital para o entendimento da sociedade egípcia antiga. O Faraó responsabilizava-se pela manutenção da Ordem Divina (Maat), pelas estratégias políticas e militares, apresentando-se como chefe da religião e da administração. Considerava-se o Faraó o interlocutor dos deuses, apresentando-se como uma de suas atribuições o culto essencial ao bom andamento do mundo e a construção de templos.

O culto é essencial para o bom andamento do mundo, e um dos atos fundamentais de culto do qual é investido o rei é a fundação, o embelezamento e a renovação dos templos - “monumentos” que estabilizam a Ordem Divina (Maat). A isso se acrescenta, do ponto de vista político, uma função historiográfica: nos templos são *inscritos* os grandes feitos do soberano (BRANCAGLION, 2003, p.5-6, grifo nosso).

Sabe-se que alguns cidadãos da elite poderiam possuir monumentos comemorativos contendo inscrições, como estelas aos mortos<sup>1</sup> ou capelas em suas tumbas. Destaca-se a importância da escrita, principalmente a escrita em monumentos, que apresentava-se no Egito faraônico como detentora de um poder mágico utilizado muitas vezes como substituto da realidade.

---

<sup>1</sup> Conforme Brancaglioni (2003), estas estelas podiam conter um “apelo aos vivos” que tratava-se de uma prece destinada aos passantes com pedidos de orações a seu favor. Acreditava-se que desta forma o morto teria melhores condições na outra vida e que a pronúncia de seu nome o livraria do esquecimento, mantendo-o vivo de alguma forma.

## 2.2 A materialidade do suporte

Dentro do estudo da Biblioteconomia destaca-se o estudo da materialidade do suporte. Tendo em vista o que diz Houaiss (1983 *apud* PINHEIRO, 2012), utilizou-se para nortear este estudo o conceito de Bibliologia, que dentro da Biblioteconomia, considera o “livro” como a própria informação. Neste caso aponta-se a importância da materialidade, apresentando-se o suporte do registro escrito como fonte de informação, além do conteúdo textual. Segundo Pinheiro (c2012, p.31), “[...] a Bibliologia seria a ciência do corpo, expressa nos suportes e nas composições de imagem e texto utilizados para o registro da informação; [...]”. Segundo Marcuschi (2003 *apud* TÁVORA, 2012), o suporte poderia apresentar-se sob três aspectos: a) o de um lugar físico ou virtual, b) o de algo que tem um formato específico e c) o de uma funcionalidade de fixar e mostrar o texto.

Verifica-se que no Egito Antigo a superfície da escrita poderia alterar-se de acordo com o tipo do conteúdo textual. Segundo Maingueneau (2001 *apud* TÁVORA, 2012), a mudança das condições materiais do discurso poderiam influenciar consideravelmente seu gênero textual. A partir disso, Távora (2012, p.301) aponta que “O suporte, como entidade de interação, que se realiza graças a uma materialidade formalmente organizada, é o que permite que se avaliem os processos de difusão aos quais os gêneros estão submetidos [...]”. Ele ratifica a importância do tipo de suporte para o sentido do conteúdo textual:

Assim, um processo interativo de um leitor com uma materialidade responsável pela constituição de suporte em que se atualiza dado gênero poderá guiar certa constrição interpretativa da construção de sentido. É o que se pode evidenciar, por exemplo, na interação de um indivíduo com uma placa de bronze em que se atualiza uma lista de formandos com os seguintes dizeres: “Formandos 2010”, tendo abaixo a lista dos nomes dos alunos. Exatamente a mesma textualidade impressa em papel e afixada em quadro de avisos mobilizaria os mesmos sentidos? (TÁVORA, 2012, p.312).

Compreende-se, neste sentido, que a materialidade dos suportes encontra-se condicionada aos valores e contexto social de determinada sociedade. A partir disso,

entende-se que “[...] não se pode também negar que os suportes permitem um processo de inter-relação do verbal com o não verbal que deve ser visto em sua especificidade.” (TÁVORA, 2012, p.313). Acredita-se que ainda hoje os suportes da escrita atuem “como força material dos discursos”, destacando-se a relevância do estudo de sua materialidade (MAINGUENEAU, 2001 *apud* TÁVORA, 2012, p.315).

### 3. JEAN-FRANÇOIS CHAMPOLLION

Jean-François Champollion foi um egiptólogo e linguista francês do século XIX, responsável pela decifração da Pedra de Rosetta, a partir de inscrições gregas contidas na peça. Foi a primeira vez que alcançou-se o entendimento dos mecanismos da escrita egípcia, contribuindo-se para o estudo da cultura.

Champollion nasceu na França em 1790, tendo aprendido várias línguas, como latim, grego, árabe, hebraico e o copta. Sabe-se que a decifração dos hieroglifos teve por base a língua copta, língua utilizada pelos cristãos egípcios no Período Tardio (FERREIRA, 2016). Baseou-se em estudos anteriores que foram feitos na tentativa de se decifrar a escrita egípcia. A partir dos estudos anteriores e, principalmente, nas tentativas de Thomas Young de decifração, acredita-se que ele tenha expandido seus conhecimentos sobre os hieroglifos. Sabe-se que já era de conhecimento de Champollion os três sistemas básicos da escrita egípcia: hieroglifo, hierático e demótico, e que a base de seus estudos se deu por meio da comparação do nome Ptolomeu que aparecia na Pedra de Rosetta e o de Cleópatra que encontrava-se em um obelisco na ilha Philae. A escolha destas palavras chave para a base da decifração ocorreu devido a símbolos iguais que apareciam em ambos os nomes, como pode-se ver abaixo:

Imagem 1 - Cartucho de Ptolomeu



Fonte: Myerson (2005)

Imagem 2 - Cartucho de Cleópatra



Fonte: Myerson (2005)

Entende-se que a faceta de Champollion encontra-se em ter descoberto que os sinais egípcios também poderiam representar sons. Sabe-se que ele decifrou os escritos a partir de cópias do texto, pois nunca teve contato com a Pedra de Rosetta, suporte original dos primeiros escritos decifrados.

Imagem 3 - Jean-François Champollion (1790-1832)



Fonte: Retrato de Léon Cogniet - Museu do Louvre

### 3.1 A Pedra de Rosetta

A Pedra de Rosetta tornou-se uma superfície de escrita icônica para o acesso e conhecimento do passado (PARKINSON, 1999, tradução nossa). O Egito apresenta-se como um exemplo de textos integrais que encontram-se preservados, remetendo à uma cultura da Antiguidade. Acredita-se, ainda segundo Parkinson (1999, tradução

nossa), que só no Museu Britânico, onde encontra-se atualmente exposta a Pedra de Rosetta, haja 110.000 objetos de coleções egípcias representativas, sendo que um terço destes objetos apresentam inscrições. Denota-se a relevância dos estudos das superfícies de escrita através deste exemplo, dada também a importância da descoberta e decifração da Pedra de Rosetta, utilizando-se como suporte da escrita e fonte de informação.

A ocupação francesa no Egito tornou-se imprescindível para a decifração. Se deu a partir de julho de 1798 e contou com uma comitiva científica e de artistas, inicialmente com o número de 151 pessoas. A invasão de Napoleão e o envio de estudiosos de áreas diversas ao Egito, culminou, não só na descoberta e decifração da Pedra de Rosetta, mas no aprofundamento do conhecimento que se tinha até então sobre a Antiguidade (PARKINSON, 1999, tradução nossa). A partir do estudo e observação dos monumentos encontrados, - monumentos estes compostos muitas vezes de inscrições hieroglíficas, conseqüentemente servindo-se de suporte para a escrita e possibilitando o conhecimento sobre determinado período histórico - possibilitou-se uma "ponte" da Antiguidade para os estudos atuais desta civilização.

A Pedra de Rosetta foi descoberta em 1799, no Forte St. Julien que localiza-se no antigo porto de Rosetta, na margem oeste do Nilo, sendo reconhecida como uma das maiores relíquias da Antiguidade e possibilitando-se o conhecimento da linguagem e escrita dos egípcios antigos. Este suporte trata-se de uma pedra em formato irregular de pigmentação escura. Segundo Parkinson (1999, tradução nossa), suas medidas são de 112.3 cm de altura, 75.7 cm de largura e 28.4 cm de espessura pesando aproximadamente 762 kg. Acredita-se que outros fragmentos com inscrições hieroglíficas continuem nos muros do forte até os dias de hoje. Esta superfície de escrita é composta por 14 linhas incompletas de hieroglifo e 53 linhas em grego, além de 32 linhas na parte central da Pedra que confundiu-se inicialmente com siríaco. Sabe-se atualmente que se trata da escrita demótica, uma das variações da escrita egípcia.

Com os estudos dos monumentos (entendidos neste Trabalho de Conclusão de Curso também como suportes para o registro escrito) e paisagens egípcias, feitos a partir

da invasão francesa, originou-se a obra *“Description de l’Egypte, ou, Recueil des observations et des recherches qui ont été faites en Egypte pendant l’expédition de l’armée française”* considerada obra rara. A obra é composta de vários volumes (de 1809 a 1828) e aborda características diversas da civilização egípcia, desde temas como a Antiguidade à história natural (PARKINSON, 1999, tradução nossa). Atualmente a obra encontra-se disponível no Brasil na Biblioteca Nacional, e nas redes de Bibliotecas da USP (Universidade de São Paulo) e da FGV (Fundação Getúlio Vargas), além da Biblioteca do Museu Nacional. Apesar disso, em nenhuma das instituições encontram-se todos os volumes já produzidos.

#### **4. A ESCRITA QUE PERMANECE: O PODER SOCIAL DA ESCRITA NO EGITO ANTIGO**

##### **4.1 Os deuses e a representação divina do conhecimento**

A representação divina do conhecimento no Egito Antigo se dava através dos deuses e de suas “funções”. As divindades do panteão egípcio relacionadas ao saber e ao registro do conhecimento denominavam-se Thoth: “Senhor dos escribas e do conhecimento” e Seshat: “Senhora dos hieróglifos”, “Deusa suprema da escrita”.

##### **4.2 Seshat: “A principal da biblioteca”**

“Deusa suprema da escrita”, “Senhora dos hieróglifos”, Seshat também podia-se encontrar denominada como “Aquele que Escreve” e que preside a “Casa da Vida”, a deusa das bibliotecas e dos escritos. Seshat apresenta-se em sua iconografia com corpo de mulher e um símbolo característico acima da cabeça (alguns estudiosos consideram o símbolo como uma estrela com sete pontas, outros acreditam ser uma flor, porém não é consenso), vestida com uma túnica longa e, em alguns momentos, pele de pantera acima da túnica. Considera-se Seshat uma das deusas mais antigas do Egito, tendo-se evidências dela durante a I Dinastia (c.2900 a.C) (SESHAT - LABORATÓRIO DE EGIPTOLOGIA DO MUSEU NACIONAL /UFRJ, 2016).

A representação de Seshat fazia-se em relevos e cenas características. Acredita-se que Seshat estivesse associada ao registro (gravação) de atos. Metaforicamente,

entre suas principais funções achava-se a de registrar os tributos e a duração de anos concedidos por um deus a um faraó, por exemplo (PARKINSON, 1999, p.132, tradução nossa). Segundo Hart (2005, tradução nossa), no Reino Antigo Seshat fazia-se “responsável” por registrar rebanhos de gado, ovelhas, cabras e burros apreendidos como espólio pelo rei Sahura (V Dinastia). Nos templos de Karnak e Abidos, também no Reino Novo, Seshat registra os jubileus reais. Eventualmente possui um ramo de palmeira (o símbolo de “anos”), representando-se o jubileu dos monarcas.

A deusa também encontra-se representada na “Cerimônia para esticar a corda” ou “*stretching the cord*”, cerimônia esta em que o faraó aparece demarcando espaços sagrados, como quando vai construir as fundações de um templo, por exemplo Hart (2005, tradução nossa). Seshat por vezes mostra-se na cena auxiliando o monarca. Nos “Textos das Pirâmides” ela é chamada de “Senhora dos Construtores” e considerada patrona da arquitetura.

### 4.3 Thoth

Sabe-se que Thoth era representado em forma humana com a cabeça de íbis e, por vezes, com um disco lunar sobre a cabeça; ou em forma de babuíno. “Senhor dos escribas e do conhecimento”, Thoth vem do egípcio antigo ‘*Djeheuty*’. A íbis que está associada a Thoth aparece ainda no período Predinástico e acredita-se que a associação entre a ave e o deus tenha ocorrido ainda no Reino Antigo. Acreditava-se que Thoth teria funções representativas importantes, auxiliando a alma no pós morte. Como expõe-se em Hart (c2005, tradução nossa), Thoth levaria o faraó sobre o rio celestial após a morte, caso o barqueiro que incumbia-se desta função fosse relutante. Além disso, representava-se Thoth com símbolo de íbis no início de algumas inscrições tumulares, em referência a oferendas sendo regularmente deixadas pelo falecido no Festival de Thoth.

Acredita-se que a representação do deus Thoth em forma de babuíno data-se da I Dinastia, supõe-se que esta representação tenha surgido em estatuetas, em Abidos.

Segundo Hart (c2005, tradução nossa), Thoth pode ser descrito como íbis ou babuíno identificando-se em sua forma natural, ou no caso da íbis, antropomórfico, com cabeça de ave sobreposta sobre seus ombros. Sabe-se que há elementos em sua iconografia que remetem ao simbolismo lunar. Em alguns momentos encontra-se a figura de Thoth com uma coroa que representa a lua crescente servindo de apoio ao disco de lua cheia. Thoth como deus-lua poderia manifestar-se como o íbis sagrado cuja longa curva bico aponta para a lua nova crescente e cuja plumagem preta e branca pode ser vista como uma indicação do crescente e minguante da lua.

Babuínos fazem vibrar agitado sons de madrugada e, conseqüentemente, isso poderia ser entendido como uma saudação ao sol nascente por criaturas do deus-lua. Mostra-se a representação de Thoth como babuíno na arte egípcia normalmente em atitude de saudação (HART, c2005, tradução nossa).

Em outros lugares, como em uma inscrição na estátua de Horemheb (dinastia XVIII), Thoth é chamado o filho do deus Rá. Considerava-se Thoth como um conciliador das divindades, por vezes era retratado como escriba, responsável pela escrita de cartas ou decretos, para todas as decisões importantes ou disputas. Considerava-se como características a imparcialidade e integridade do deus para estas questões. Além disso, era dever de Thoth registrar todas as almas que entravam no Mundo dos Mortos, entende-se que tinha papel determinante na passagem das almas aparecendo em algumas versões do Livro dos Mortos na pesagem do coração atestando a veracidade das palavras do morto. Em sua iconografia, retratava-se Thoth nestas cenas com a cabeça de íbis e segurando um pincel e uma paleta com os quais anota o resultado do exame do coração no momento da passagem da alma para o Mundo dos Mortos. Em outros momentos, Thoth apresenta-se com as características de um babuíno, e encontra-se sentado no topo da balança no momento do julgamento. Acredita-se, segundo Hart (c2005, tradução nossa) que a representação deste deus na ocasião da pesagem do coração serviria para anunciar a Osíris a retidão moral do morto, atestando-se através de Thoth, que as informações passadas por ele eram verídicas e que ele levou uma vida correta. Apesar disso, nos Textos das Pirâmides há indícios de que Thoth poderia ser impiedoso com os inimigos da verdade, aparecendo em cenas de punição, decapitando-os e cortando-lhes o coração. Thoth foi identificado mais tarde com o deus grego Hermes.

#### 4.4 O ofício do escriba

Segundo Hart (c2005, tradução nossa), acreditava-se no Egito Antigo que Thoth, Deus dos Escribas, “Senhor das palavras sagradas” tenha dado aos egípcios o conhecimento sobre como escrever através de símbolos, fazendo-se desta forma, com que os hieroglifos possuíssem uma força mágica.

O escriba no antigo Egito ocupava uma posição de importância considerável e é frequentemente representado na escultura e retratado nas pinturas nas paredes de tumbas, muitas vezes mostrando-se com os instrumentos de seu ofício, ou seja, papiro, canetas e tinta, a pena por vezes atrás de sua orelha (LUCAS, 1926, p.201, tradução nossa).

Os escribas consideravam-se "seguidores de Thoth", apresentando-se como uma classe profissional privilegiada no Egito Antigo. Utilizavam-se basicamente da paleta, que continha tintas de cor vermelha e preta e canetas para a escrita, materiais que tornaram-se o símbolo de sua prática. A relação entre os escribas e o deus Thoth evidencia-se através de representações artísticas em que, muitas vezes, o próprio deus encontra-se representado como escriba (HART, c2005, tradução nossa).

Segundo Davies (1996, p.123-124),

A produção da escrita, e o acesso direto a ela, era quase certamente o apanágio de uma elite educada, formada, no nível mais alto, pela realeza e pelos altos funcionários do Estado e, abaixo deles, pelas pessoas cuja atividade exigia a capacidade de ler e escrever. Não há nenhuma dúvida de que o exercício rotineiro das letras era, em grande parte, uma função do escriba profissional [...], que representava uma figura central em todos os aspectos da administração do país: civil, militar e religioso.

Sabe-se que no Período Faraônico, menos de 1% da população era instruída. Acredita-se que em algumas dinastias obteve-se variações deste número, porém considera-se esse percentual de maneira geral. Em algumas camadas sociais a

instrução, considerada aqui como a educação formal, restringia-se à capacidade de escrever o próprio nome. Nos casos em que pessoas sem instrução precisassem ler ou escrever algum documento, recorria-se a um escriba profissional, denotando-se a relevância da profissão para a sociedade egípcia na Antiguidade (DAVIES, 1996).

Sobre a instrução, entendida aqui como a “educação formal”, Davies (1996, p.124, grifo do autor) diz:

Os escritos egípcios sobre o assunto indicam que a instrução era um conhecimento muito desejável, que conferia *status*, assegurava uma posição e fornecia meios de desenvolver-se que poderiam conduzir, em última análise, a um cargo muito alto. Um treinamento aprofundado nas habilidades escritas era considerado pré-requisito essencial para qualquer jovem que tivesse aspirações profissionais ou políticas.

Denota-se a importância da educação formal para os egípcios antigos, conferindo-se *status* e a possibilidade de altos cargos às pessoas instruídas.

## **5. A LÍNGUA EGÍPCIA E SUAS ESCRITAS**

A escrita egípcia apresenta-se como um sistema de comunicação complexo e multifacetado. Evidencia-se que este tema apresenta-se de forma seletiva, em caráter introdutório, destacando-se que o estudo da língua e dos tipos de escrita do Egito Antigo é abordado de forma mais aprofundada por linguistas e egiptólogos. Torna-se propício, no entanto, a apresentação da escrita neste Trabalho de Conclusão de Curso, destacando-se o objetivo maior de descrição dos suportes da escrita do Egito, na Antiguidade.

### **5.1 A língua egípcia**

De acordo com Davies (1996) pode-se destacar a relevância da língua egípcia, apresentando-se o corpo de material escrito em egípcio que foi preservado.

O egípcio antigo ocupa uma posição especial entre as línguas do mundo. Não apenas é um dos idiomas mais antigos de que se tem registro [...] mas também

possui uma história documentada muitíssimo mais extensa do que qualquer outro idioma. Foi escrita pela primeira vez por volta do final do IV milênio a.C. e, desde então, seu uso é registrado continuamente até mais ou menos o século XI d.C., um período de mais de 4 mil anos (DAVIES, 1996, p.98).

Ele sinaliza que o material que chegou até os dias atuais consiste em grande parte, de textos religiosos e funerários, mas inclui igualmente documentos seculares de tipos muito diversos - administrativos, comerciais, legais, literários e científicos -, bem como inscrições históricas e biográficas particulares e oficiais. Esta diversidade de tipos de texto encontra-se na variedade de suportes de escrita que pode-se atestar. Para o estudo da língua, Davies (1996) afirma que ainda há pontos a serem ratificados e que outras áreas do conhecimento destinam-se a estudá-la:

[...] embora grande parte do vocabulário e muitos pontos da gramática ainda precisem ser amplamente elucidados, a nossa compreensão da estrutura básica da língua egípcia e das regras que regulam a sua operação se encontra hoje em dia numa posição razoavelmente sólida. Não foram apenas os egiptólogos que manifestaram interesse pela língua. Nos últimos anos, foi dispensada uma crescente atenção ao idioma egípcio por parte dos linguistas interessados no estudo da linguagem humana enquanto fenômeno geral (DAVIES, 1996, p.98).

Acredita-se que a utilização do estudo da língua egípcia e, conseqüentemente, de sua escrita por outras áreas do conhecimento ocorra devido a sua preservação e extensão de registros que podem ser estudados, possibilitando-se assim, o conhecimento da cultura e sociedade do Egito Antigo. Segundo Davies (1996), o egípcio faz parte de um grupo de línguas africanas e médio-orientais que assemelham-se na gramática e no vocabulário, sendo consideradas por alguns estudiosos como ramificações de uma herança linguística comum. Nomeia-se este grupo de línguas, originárias de uma linguística comum, como afro-asiático ou camito-semítico. O grupo constitui-se de seis "ramos", dos quais o egípcio apresenta-se como o mais antigo. São eles, além do egípcio: o semítico, o berbere, o tchádico, o cuxita e o omótico. Destes, sabe-se que somente o egípcio e o semítico (tendo-se como sub-ramos desta: o hebraico, o árabe e o acadiano) possuem escritos substanciais.

## 5.2 A escrita egípcia

Apesar de considerar-se que a língua falada difere da língua escrita, apontam-se também algumas diferenças na escrita egípcia; gramaticais e ortográficas. Apresentam-se três tipos de escrita, que, acredita-se segundo Davies (1996), tenham sido empregadas simultaneamente no Egito Faraônico, sendo elas: o hieroglifo, o demótico e o hierático. Mais tarde, já no Período Ptolomaico, houve a junção destas com o alfabeto grego, gerando-se um quarto tipo de escrita, o Copta (DAVIES, 1996). Tradicionalmente na cultura egípcia antiga, pensava-se que a escrita hieroglífica teria sido passada aos homens por Thoth, denominado em alguns textos de “o senhor da escrita”, deus da escrita e do conhecimento na religião egípcia. Aceita-se que o surgimento da escrita tenha ocorrido no Egito no Período Pré-Dinástico, antes do reinado da I Dinastia. Em todas as regiões do Oriente Médio atesta-se a origem de variados tipos de escrita a princípio em contextos burocráticos, como para a contabilidade por exemplo. Apesar disso, acredita-se que o sistema de escrita egípcia já tenha surgido relativamente “pronto”, segundo Davies (1996). Os elementos que reconhecem-se na escrita egípcia já encontravam-se presentes nas primeiras inscrições, diferentemente de outros tipos de escrita que surgiram no Oriente Médio, que iniciaram-se a partir de sistemas de notação numérica e só posteriormente teriam tomado a forma de escrita como conhecemos hoje. Acredita-se que as origens da escrita e língua egípcias influenciaram-se das escritas suméria e mesopotâmica - mais antigas que a escrita egípcia - através de um processo amplo de transmissão cultural. A escrita egípcia utilizou-se da “idéia” do sistema de escrita simbólico sumério para basear-se também em símbolos, porém adaptou-os a cultura egípcia tornando as diferenças visíveis entre as duas línguas representadas por escritas singulares. O consenso atual, segundo Davies (1996) é de que a língua egípcia influenciou-se do sumério e de seus princípios operacionais, porém não considera-se o egípcio uma adaptação propriamente dita do sumério, considerando-se as diferenças estruturais das duas línguas e suas escritas.

## 5.3 Os tipos de escrita

Os tipos de escrita no Egito Antigo diferenciavam-se pela ortografia. Apresentavam-

se em três categorias: os hieróglifos, o demótico e a escrita hierática.

Sabe-se que todas possuem sinais logográficos, fonéticos e determinativos, além de apresentarem-se em forma de uniconsonantais, ou unilíteres, biconsonantais, ou bilíteres, e triconsonantais, ou trilíteres, dependendo-se do número de sílabas que expressam na palavra. Com relação a gramática, o hieróglifo e o hierático apresentam-se sob as mesmas formas, no demótico porém, há pequenas variações.

### 5.3.1 Hieróglifos: “As palavras sagradas”

Desde o século XXX a.C. até o IV d.C utilizou-se os hieróglifos em variados suportes de escrita (HORNUNG, 2000, tradução nossa). Dentre estes suportes encontrava-se as paredes de templos e tumbas, em objetos como em estátuas, sarcófagos e estelas, entre outros. Nestes locais, os textos podiam-se encontrar como legendas das imagens ou como dedicatórias, principalmente em objetos funerários. Sabe-se, segundo Allen (2010, tradução nossa), que inscrições hieroglíficas mais longas apresentam, usualmente, textos históricos ou autobiográficos, ou ainda textos religiosos e hinos funerários. Também encontravam-se hieróglifos esculpidos em madeira, marfim ou pintados em gesso. Como os hieróglifos são símbolos individualizados, os escultores e pintores geralmente preocupavam-se com a meticulosidade do desenho, como faziam com imagens de pessoas e deuses (ALLEN, 2010, tradução nossa). Segundo Davies (1996, p.103),

Originariamente, essa escrita era empregada para grafar diferentes tipos de textos, em vários suportes, mas, à medida que se desenvolveu a sua versão cursiva, a hierática, a escrita hieroglífica se viu confinada cada vez mais a contextos religiosos e monumentais, onde assumiu a forma típica de relevos esculpidos na pedra. Por isso é que os gregos antigos deram aos elementos individuais da escrita o nome de *ta hiera grammata*, “as letras sagradas”, ou de *ta hieroglyphica*, “as (letras) sagradas esculpidas”, de onde são derivados os nossos vocábulos “hieróglifo” e “hieroglífico”.

Acreditava-se que a escrita teria origem mágica, e que tivesse originado-se com o deus Thoth, que a teria passado aos egípcios. Os egípcios antigos acreditavam que

com a função mágica da escrita, os hieróglifos que representavam sinais e imagens animadas encontravam-se sob influências. Por esse motivo acha-se, ainda hoje, inscrições com hieróglifos apagados ou mutilados propositalmente (DAVIES, 1996).

### 5.3.2 A escrita hierática

A escrita hierática caracterizava-se por ser uma escrita simplificada, “documental” designando-se para a vida prática, considerada quase como uma abreviação dos hieróglifos. Davies (1996) apresenta a forma de escrita hierática como uma adaptação da escrita hieroglífica, ele destaca que a forma da escrita possuía ramificações internas e que a partir da XII Dinastia começou-se a escrever os textos em hierático em linhas horizontais, até então, a escrita hierática só era feita em colunas. Dentro da própria escrita hierática havia diferenciações. Por volta do Novo Império, começou-se a adotar dois tipos de letra, a cursiva “comercial” usada para escrever os chamados documentos mundanos (documentos de ordem prática e burocrática); outro tipo de letra utilizava-se segundo Davies (1996) “para livros”, este tipo empregava-se em textos literários e em contextos em que se fazia necessário uma escrita mais tradicional. Encontrava-se também variações regionais da escrita hierática. O autor apresenta a escrita demótica, originária do Baixo Egito, como uma variação da escrita hierática. Sabe-se que a escrita demótica passou a ser utilizada de forma generalizada a partir da XXVI Dinastia (DAVIES, 1996).

### 5.3.3 O demótico

Utilizou-se o demótico no final do período faraônico, entre a XXVI e XXX Dinastias, período no qual generalizou-se seu emprego para o uso cotidiano. A exemplo do hierático, segundo Davies (1996), o uso do demótico apresentava-se em suportes restritos, como o papiro e o óstraco. Considera-se a escrita demótica como descendente da escrita hierática, parecendo-se muito pouco com a hieroglífica. Davies (1996, p.119) diz “É uma escrita muito cursiva, desprovida quase totalmente de iconicidade e cheia de ligaturas, abreviaturas e outras peculiaridades ortográficas

[...]`. O conteúdo dos escritos demóticos baseavam-se majoritariamente de documentação burocrática; legal, administrativa ou comercial até certo período histórico. A partir do Período Ptolomaico inicia-se a utilização deste tipo de escrita em textos literários, religiosos e científicos, considerando-se para este fim mais erudito, uma letra mais caligráfica. Utilizava-se neste Período a caneta feita de junco, introduzida pelos gregos, no Egito. Também no Período Ptolomaico, segundo Davies (1996), passa-se a considerar o demótico para a escrita em monumentos, principalmente em estelas funerárias e comemorativas. A última inscrição em língua egípcia encontra-se no Templo de Philae e é datada de 450 d.C.

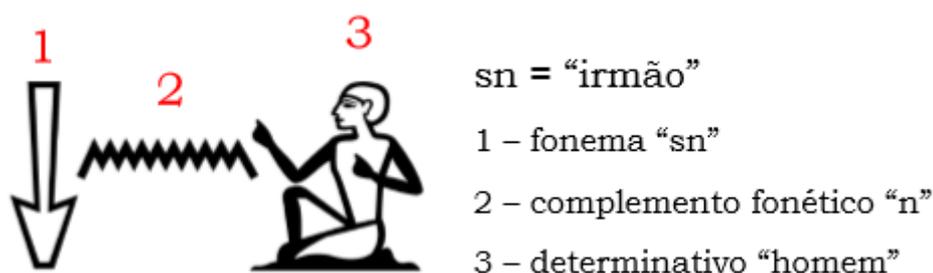
Após o desaparecimento da língua egípcia antiga, utiliza-se o Copta. O Copta caracteriza-se pelos elementos gregos e influências do demótico. Segundo Davies (1996, p. 123) “ A literatura em copta que chegou até nós é extensa, e sua imensa quantidade é proveniente, em sua maior parte, das bibliotecas dos mosteiros e dedicada a temas religiosos, sobretudo bíblicos.`. Sabe-se que o Copta têm relação estreita com o avanço do Cristianismo no Egito e sugere-se que esta relação tenha surgido da necessidade de proliferação do Novo Testamento, utilizando-se o Copta - como escrita mais simplificada em relação ao demótico - para tornar-se os textos mais acessíveis. O Copta tornou-se a língua oficial do Egito, até o Período Islâmico, a partir deste Período o árabe passa a ser a língua e escrita oficiais do Egito, até os dias atuais.

#### **5.4 Características e singularidades da escrita egípcia**

Os três tipos de escrita egípcia apresentam características comuns, apesar de diferenciarem-se pela ortografia. Um aspecto importante no sistema de escrita egípcio, observado-se também esta característica nas escritas do ramo semítico, é o fato de ele registrar apenas os fonemas consonantais. Isto ocorre, porque o egípcio e as línguas semíticas contêm palavras-raiz básicas, formadas por consoantes. As vogais não são indicadas de forma específica, e por este motivo, dentro dessas raízes primeiras, alguns traços diferenciam-se por uma variação vocálica (DAVIES, 1996).

Antes da decifração dos hieróglifos por Jean-François Champollion, em 1822, acreditava-se que a escrita egípcia era composta exclusivamente por um único tipo de sinal, o pictográfico (SANTOS, 2010). Descobriu-se mais tarde que a escrita constitui-se de signos logográficos, fonéticos e determinativos. Os sinais logográficos formam-se basicamente por ideogramas ou pictogramas. Estes tipos de sinais ocorrem quando uma imagem denota uma palavra ou um conceito. Nos sinais fonéticos, uma imagem representa um fonema, neste caso a imagem não necessariamente deve ter relação com o significado da palavra que irá formar-se. Os sinais determinativos apresentam-se para significar o fonograma, e indicar a idéia geral da palavra. Não atribui-se valor fonético aos sinais determinativos que aparecem no final das palavras (ALLEN, 2010). Por exemplo, no hieróglifo em que representa-se a palavra irmão, o sinal determinativo (homem) que define o sentido da palavra não é verbalizado:

Imagem 4 - Sinal determinativo



Fonte: Santos (2010)

Segundo Allen (2010), todos os hieróglifos tem potencial para serem utilizados como logogramas, fonogramas ou determinativos, dependendo-se do contexto em que são empregados. O plural também era considerado na escrita egípcia, assim como a definição de palavra masculina e feminina. O plural podia definir-se com a repetição de sinais iguais, por exemplo para definir o plural de "casa" utilizava-se o pictograma da planta de uma casa, em repetição. A idéia de "masculino" e "feminino" também apresentava-se na escrita egípcia, ora com pictogramas com a imagem de um homem para definir a ideia de palavras masculinas, ora com a imagem de uma mulher para definir a idéia de palavras femininas. Esta diferenciação dava-se também com outros signos específicos.

Criou-se um sistema para permitir a vocalização das palavras, adicionando vogais quando encontra-se duas consoantes juntas. Assim, para a palavra “casa”, transliterado “ pr ”, lê-se “per”. Neste processo apenas os sinais que possuem valor sonoro ou fonético aparecem.

Na língua egípcia, quase todos os sinais podem formar fonemas, isto é, são figuras que representam um som específico e que podem ser divididas em três grupos: uniconsonantais, ou unilíteres, biconsonantais, ou bilíteres, e triconsonantais, ou trilíteres<sup>2</sup>.

O egípcio antigo apresenta algumas singularidades. Com relação à gramática, o hieroglifo e o hierático apresentam-se sob as mesmas formas, no demótico porém, há pequenas variações. A direção da escrita diferencia-se também das formas de escrita ocidentais. Segundo Allen (2010), a escrita egípcia pode desenvolver-se na horizontal e na vertical, da esquerda para a direita ou vice-versa. O leitor identifica a direção da leitura de acordo com a direção em que apresentam-se os hieroglifos, se viram-se para a esquerda, começa-se a ler pela esquerda e assim também ocorre para leituras que iniciam-se pela direita. O senso estético da escrita também encontrava-se planejado, fixando-se os hieroglifos em “retângulos imaginários”. A “forma” da escrita se dava de modo que incluía-se os hieroglifos em um espaço esteticamente harmonioso, em alguns momentos podia-se trocar a ordem de apresentação do sinal para que a escrita aparecesse de modo equilibrado. Outra característica presente no egípcio antigo era a Transposição Honorífica, que caracterizava-se pela transposição de nomes de divindades e pessoas importantes em relação aos demais. Como exemplo, apresenta-se a expressão “o escriba do rei”, em que o símbolo que caracteriza a palavra “rei” precedia-se em relação ao símbolo para “escriba” (SANTOS, 2010). Além disso, caracterizava-se nomes de faraós através de sua colocação dentro de “cartuchos” que circundavam o nome para diferenciá-lo dos demais.

---

<sup>2</sup> Ver anexos.

## 6. MATERIAIS PARA ESCRITA

Dos instrumentos da escrita do Egito Antigo, vários tipos foram preservados. Segundo Lucas (1926, tradução nossa), um instrumento que assemelha-se a uma caneta só começou a ser utilizado por volta da 26 dinastia, feita de junco.<sup>3</sup> Antes deste período, utilizava-se outros objetos para a escrita e o registro do conhecimento.

Sabe-se que os instrumentos da escrita do Egito Antigo são prenunciadores dos instrumentos da escrita moderna, os formatos e usos dos objetos assemelham-se com os objetos atuais de escrita manual. Porém, a escolha do instrumento da escrita no Egito Antigo geralmente determinava-se a partir do tipo de material que iria amparar o registro escrito. Considerando-se que o uso do pergaminho não era muito comum no Egito, e que este só surgiu no século II A.D., o cálamo e o pincel foram utilizados como instrumento de escrita para uso corriqueiramente de textos e ilustrações em papiros. Empregava-se ainda, o uso do estilete para os registros escritos feitos em cera e em argila. A caneta para a escrita em papiro, somente começou a ser utilizada no Período Greco-Romano.

### 6.1 Paletas

As paletas dos escribas desempenhavam papel simbólico importante no Egito, além da sua importância funcional. Por serem consideradas uma das principais ferramentas para a escrita, sua representação gráfica servia como símbolo para a profissão do escriba e era usada na elaboração de várias palavras relacionadas aos escribas e suas atividades. Muitas delas foram encontradas em tumbas, nestes casos, não só por terem sido utilizadas por seus proprietários durante suas vidas, mas para que pudesse ser utilizadas no pós vida (PARKINSON, 1999). De acordo com a crença egípcia, fazia-se necessário que alguns objetos acompanhassem os mortos nas tumbas, objetos estes que garantiriam o bem-estar e a vida prática do indivíduo, o próprio "Livro dos Mortos" garantiria ao morto os seus instrumentos de escrita no Mundo dos Mortos por meio do capítulo 94 intitulado "Fórmula para obter o godê e a paleta de escriba". Os instrumentos de escrita incluíam-se na gama de materiais que

---

<sup>3</sup> Este instrumento ainda era utilizado no Egito na década de 1920 do século passado (LUCAS, 1926).

eram colocados nas tumbas pois acreditava-se que seriam utilizados pelo proprietário da tumba na Outra Vida.

Nas paletas, os pigmentos encontram-se em consistência de pasta, prontos para serem dissolvidos em água com a ajuda do godê e desta forma usados. As paletas possuíam formato retangular e frequentemente eram feitas de madeira ou pedra. O formato retangular das paletas era adequado não só para ser segura com uma das mãos como para guardar os cálamos e conter os compartimentos para as tintas utilizadas na escrita e nas ilustrações. Frequentemente elas continham inscrições hieroglíficas que podiam conter o nome do dono do objeto, ou em outros casos, encontram-se orações e referências aos deuses, principalmente ao deus Thoth, o deus da escrita e da sabedoria. Em algumas paletas há um compartimento com tampa para guardar os cálamos, assemelhando-se a modelos de estojos de madeira comuns nos dias atuais.

## **6.2 Utensílios para a guarda dos instrumentos de escrita**

Para a guarda dos instrumentos de escrita no Egito, também encontravam-se materiais específicos.

Arcas e caixas eram alguns dos materiais que tinham a função de guarda dos instrumentos de escrita, possuindo compartimentos para a guarda da paleta com os cálamos e as tintas, também podia-se armazenar papiros. Utilizava-se, em alguns casos, um estojo específico para os papiros. Neste caso, encontrava-se o estojo em formato cilíndrico. Em alguns destes utensílios acha-se inscrições hieroglíficas, algumas citando o deus Thoth, o deus da escrita e da sabedoria (PARKINSON, 1999).

## **6.3 Tintas**

Há milhares de anos a humanidade descobriu que alguns minerais poderiam ser empregados como pigmentos:

Chama-se de **pigmento** um material colorido, finamente dividido, suspenso em um

líquido que é usado para pintar, ou seja, uma tinta. Os pigmentos não servem apenas para dar cor à tinta, eles são úteis também para dar consistência e para ajudar a tinta a secar (BRANCO, ?, grifo do autor).

No Egito Antigo utilizava-se minerais para este fim, e até hoje procura-se saber mais sobre as propriedades destes materiais. Atualmente, sabe-se sobre os pigmentos que “Alguns deles são minerais, portanto naturais e inorgânicos [...] são os mais estáveis, mais úteis e os que a humanidade conhece há mais tempo.” (BRANCO, ?).

Geralmente, encontra-se tintas nas cores preta e vermelha porém as cores amarelo, azul, verde e branco também ocorrem. Cores diferentes do preto e do vermelho geralmente eram empregadas por artistas para ilustrar as cenas e não para a escrita. [...] a vermelha e a amarela eram conseguidas em ocres vermelhos e amarelos, respectivamente e azul e verde através de compostos de cobre (LUCAS, 1926, p.204, tradução nossa).

Considera-se que para a atividade de escrita, utilizava-se no Egito (prática também recorrente na Idade Média) as tintas de cor vermelha e preta.

### 6.3.1 Moedor de pigmentos

Para a produção da tinta utilizava-se o moedor de pigmento. Os minerais em estado bruto deveriam ser moídos para com o pó, produzir-se os pigmentos que dariam cor as tintas. Podia-se encontrar o moedor de pigmento feito de basalto, por exemplo. Segundo (T.G.H., James, 1985 *apud* Parkinson, 1999), este utensílio era composto de uma prancha com uma depressão oval e acompanhava-se de uma pedra que era utilizada para triturar o material, realizando-se a produção do pó que daria origem ao pigmento.

### 6.3.2 Godê

Define-se “godê” na pintura, como um pequeno recipiente ou tabuleta que utiliza-se para misturar tintas. É utilizado ainda hoje para o mesmo fim que na Antiguidade, porém aparece algumas vezes em formato diferenciado atualmente.

No Egito antigo os godês são conhecidos desde a I dinastia feitos em diferentes matérias que vão desde simples tigelas cerâmicas a refinados recipientes decorados feitos em rocha ou faiança.

### 6.3.3 As cores

As tintas de cor amarela, azul, verde e branca eram usualmente utilizadas para ilustrações e não para fins de escrita (LUCAS, 1926, tradução nossa). Sobre as colorações azul e verde, alguns estudiosos acreditam que a coloração azul era feita do lápis-lazuli e a coloração verde do sulfeto de cobre, outros discordam. (BAIKIE, 1925 *apud* LUCAS, 1926, tradução nossa). A hipótese mais aceita porém é a de que o pigmento azul fosse feito de uma composição de sódio com sulfetos de cobre e/ou cobalto, e que era fundido a aproximadamente 700 graus, o resultado era uma massa azul que era moída para a produção da tinta. Utilizava-se o lápis-lazúli no Egito para várias finalidades<sup>4</sup>, porém não com a finalidade de fazer tinta. Considera-se o azul egípcio, produzido com os sulfetos de cobre, a primeira tinta sintética produzida pelo homem. A tinta de coloração amarela obtinha-se a partir do ocre. Segundo Branco (?), "A palavra ocre designa qualquer um dos óxidos metálicos terrosos portadores de ferro." e "O amarelo-ocre pode ser goethita (um hidróxido de ferro), limonita (mistura de óxidos hidratados de ferro) ou uma mistura de ambos."

Encontrava-se também tinta de cor rosa no Egito. Chegava-se a esta tonalidade a partir da mistura do pigmento vermelho - ocre com cal. A tinta branca também fazia-se presente no Egito Antigo, em ilustrações. Produzia-se a tinta branca a partir do cal.

### 6.3.4 As tintas para a escrita: o vermelho e o preto

As tintas de cor vermelha e preta eram utilizadas pelos escribas para a escrita em si, utilizando-se as outras cores para as ilustrações. Dependendo do tipo de texto, empregava-se a tinta vermelha de forma diferenciada. Por exemplo, para papiros com fórmulas mágicas utilizava-se o vermelho para a escrita de palavras consideradas perigosas ou potencialmente malignas em seu significado. No "Livro dos Mortos"

---

<sup>4</sup> Para a produção de joias e outros adornos, por exemplo.

também empregava-se a tinta vermelha de forma diferenciada, utilizava-se neste caso para o título e a rubrica das fórmulas expostas neste registro. Obtinha-se a tinta de cor vermelha a partir do elemento mineral ocre, que também utiliza-se como matéria-prima para a produção das cores amarela e marrom. Segundo Branco (?), admite-se que o marrom-ocre possa ser obtido principalmente a partir da limonita (ou limonito) e o vermelho-ocre a partir da hematita.

Acredita-se que a escrita dos papiros no Egito era feita com dois diferentes tipos de tinta preta. A diferença de cor é resultado da sua composição. Um tipo de tinta constituía-se principalmente de carbono, outro tipo a partir do ferro (WIENER, 1887 *apud* LUCAS, 1926, tradução nossa).

A data em que a tinta que continha carbono em sua composição começou a ser empregada no Egito não pode ser determinada ao certo, porém há registros de inscrições da Primeira Dinastia que são prováveis de terem sido escritas com este tipo de tinta (PETRIE, 1923 *apud* LUCAS, 1926, tradução nossa).

Enquanto as tintas pretas a base de carbono mantinham a sua cor original, aquelas à base de ferro (hematita) se alteram com o tempo resultando atualmente em uma cor marrom. A tinta de coloração preta, feita a partir do carbono não só era a mais antiga como foi a mais utilizada em todos os períodos até o Período Romano (30 a.C. - 395 d.C.), usada em papiros como também em óstracos.

Apesar do uso extensivo do pergaminho como suporte da escrita não ter sido frequente no Egito, a tinta marrom - originalmente preta, que degenera-se tornando-se marrom - acha-se presente principalmente em pergaminhos (LUCAS, 1926).

## **7. OS SUPORTES**

Entende-se por suporte o meio físico ou virtual que utiliza-se de base para a materialização de um registro escrito, eles definem os modos de leitura de um determinado gênero textual (VIEIRA, 2016).

Quando se aborda a diversidade dos suportes da escrita moderna na Biblioteconomia considera-se de forma geral os suportes eletrônicos, em muitos momentos, em

contraponto ao debate sobre o futuro do uso do papel, principalmente para fins literários. Também é possível encontrar-se no Egito Antigo diversos tipos de suporte de texto. A diversidade de suportes de escrita no Egito contribuiu para a preservação de documentos, possibilitando desta forma, o registro da memória. Com isso, viabilizaram-se pesquisas e contribuiu-se para o conhecimento que se têm no presente sobre o modo de vida, a sociedade e cultura deste povo. Segundo Battles (2003), acredita-se que a plenitude de uma cultura está expressa em sua literatura tomada como um todo, denotando a importância dos registros de memória para uma sociedade.

Abordando-se em parte a visão bibliológica presente na Biblioteconomia, de que o "livro" deve ser analisado também em sua materialidade e, considerando-se o suporte do registro escrito como fonte de informação, além do próprio texto, procurou-se demonstrar os principais suportes utilizados para registro de textos no Egito Antigo, destacando-se sua materialidade e a variação de tipos de superfícies de escrita, que vão além do papiro.

A principal superfície de escrita era o papiro, porém seu custo era maior fazendo-se com que outras superfícies de escrita obtivessem destaque aos textos egípcios (LUCAS, 1926). Segundo Battles (2003) a dificuldade em preservá-lo devido sua fragilidade, - comparando-se com a argila, por exemplo - também era uma questão, porém encontrava-se de maneira abundante e proporcionava escrita ágil e fácil quando transformava-se a planta em superfície de escrita. Das placas de madeira obtinha-se a vantagem da possibilidade de reutilização, desta forma, poderiam aproveitar-se para notas e exercícios de escribas aprendizes, assim como o óstraco (de pedra ou cerâmica). O couro por sua vez, era um suporte considerado caro para a escrita, denotando-se prestígio ao usuário que empregava este material. Além destes, utilizava-se barro ou tecido ocasionalmente, em circunstâncias específicas. O barro, às vezes era manipulado em rituais ou em regiões em que se apresentava a escassez do papiro. Quando se utilizava este suporte em contextos rituais, empregava-se por exemplo os registros escritos em tijolos de barro, que eram emparedados nos quatro cantos das câmaras mortuárias. Usava-se também placas de barro, que eram escritas para depois serem quebradas em alguns encantamentos mágicos. Nos lacres de barro, aplicava-se inscrições, que poderiam utilizar-se para

fins rituais ou não.

Outra superfície que era considerada para registros escritos era o metal. O metal apresentava-se como suporte em que evidenciava-se a ostentação, aplicando-se inclusive na escrita de tratados reais, como no tratado de Ramsés II com os Hititas<sup>5</sup>, por exemplo. Assim como o couro, o metal apresentava-se como um suporte de custo expressivo (PARKINSON, 1999).

## 7.1 Papiro

Considera-se o papiro o precursor do papel como conhecemos hoje. Originalmente o nome moderno “papiro” deriva-se do egípcio antigo, cuja transliteração é *p3-pr*, “aquele (que pertence) a casa”, isto é, ao palácio. Com esta palavra originou-se o nome da planta e o nome do material resultante dela usado na escrita, também derivando-se desta palavra a nossa palavra moderna “papel”. A principal matéria-prima deste suporte é o caule da planta cujo nome científico é *Cyperus papyrus*, que crescia abundantemente em áreas pantanosas no Baixo Egito (LUCAS, 1926). Destaca-se que embora a planta fosse abundante, o papiro processado para escrita era muito caro e de difícil aquisição. Acredita-se que estivesse sujeito a taxa real, identificando-se relatos sobre isso no papiro Tebtunis 509 (c. 159 a.C.) que fala de um funcionário real encarregado em supervisionar a produção e a comercialização do papiro e no óstraco Edfu 506 que fala da taxa do papiro. O mais antigo papiro encontrado data da I dinastia, proveniente da tumba de Hewaka em Saqqara, trata-se de um rolo não escrito. O método de fabricação do papiro não é conhecido de fonte direta, mas pelo relato de Plínio (Gaius Plinius Secundus – 79 d.C.).

Sobre a manufatura do papiro, sabe-se que o caule da planta era cortado retirando-se as extremidades, antes da cabeleira e da raiz e a casca era retirada longitudinalmente; a polpa macia era cortada em tiras, seguindo-se sempre o sentido longitudinal, colocava-se as tiras dispostas lado a lado em fileiras verticais e de depois sobre elas, em fileiras horizontais; colocava-se então as duas camadas de tiras entre tecidos, estas eram batidas e prensadas para retirar o excesso de água e fundi-las;

---

<sup>5</sup> Tratado de paz firmado por volta do ano de 1259 A.C por Ramsés II, então soberano do Egito, com os Hititas. Também conhecido como Tratado de Kadesh.

depois disso, secavam-se e lixavam-se as folhas para obter uma superfície fina e bem lisa. Ao final do processo de manufatura, colavam-se as folhas para fazer os rolos e, após o Período Romano, costuravam-se formando cadernos em formato de códice.

A preservação do papiro torna-se delicada devido a sua fragilidade, razão para a menor quantidade deste suporte encontrada, em relação a outros, como por exemplo os óstracos, as estelas, entre outros, que podem ser preservados com maior facilidade.

Rolos inteiros de papiro, só se conservaram uns poucos, sendo o maior de todos o Grande Papiro Harris do Museu Britânico, com 40.5 metros de comprimento. Em geral, os papiros recebem o nome de seu descobridor, seu primeiro proprietário, do lugar de seu descobrimento ou o número de inventário dos museus. Com frequência a escrita no papiro fazia-se somente na parte frontal (*reto*: de fibras horizontais) até o Reino Novo, a partir de então escrevia-se também na parte posterior (*verso*: fibras verticais). O hierático - a primeira forma de escrita cursiva egípcia - é o tipo de escrita que se encontra com maior frequência em papiros (HORNUNG, c2000, tradução nossa).

## 7.2 O óstraco e outros suportes

O papiro era o principal material usado para a escrita, porém verificou-se, segundo Lucas (1926), que fazia-se substituições de materiais de escrita, do papiro para suportes mais baratos. Eram feitas efetuando-se a troca do papiro por pedaços de cerâmica, peças de calcário e couro, por exemplo.

Utilizava-se frequentemente o óstraco como opção para estas substituições de materiais de escrita no cotidiano. Acredita-se que o custo inferior em relação ao papiro contribuía para que isto ocorresse, porém a facilidade com que encontrava-se este material também contribuía para que ocorressem as substituições. Segundo Shaw (2007, tradução nossa) a palavra óstraco vem do grego *ostrakon*, tem-se como plural a palavra *ostraka* para defini-lo. Ainda de acordo com Shaw (2007, tradução nossa), óstraco trata-se de um fragmento de cerâmica ou lascas de pedra calcária, destacando-se como suporte da escrita. Pode-se identificar tipos diversos de texto neste suporte, entre eles: textos de ordem administrativa, cartas, poemas, notas

breves, exercícios de escribas; muitas vezes encontram-se textos de literatura, estes últimos geralmente registrados em escrita hierática. Segundo Hornung (c2000, tradução nossa)

[...]a supressão e reutilização (palimpsesto) de manuscritos é relativamente frequente. Por um motivo parecido, para as práticas acadêmicas e outras composições se empregava o óstraco, isto é, cascos de pedra calcária ou cerâmica cujas dimensões oscilavam uns poucos cm<sup>2</sup>[...] (HORNUNG, c2000, tradução nossa, p.41)

De acordo com Parkinson (1999) também podia encontrar-se contos escritos em óstracos. Um dos contos mais notórios é “A história de Sinuhe”, que conta a história de um funcionário do governo egípcio que descobre uma conspiração contra o faraó Amenemhet I. Sinuhe escuta o recado dos mensageiros a Sesóstris I, filho mais velho do então faraó, em que fica explícita a conspiração e temendo uma revolução e com receio de ser perseguido, Sinuhe foge esconde-se durante dias no deserto.

Textos escolares do Novo Império, que formam a maior parte de nossos testemunhos sobre os métodos educacionais do Egito, indicam que a leitura e escrita básicas eram aprendidas laboriosamente através da cópia de excertos de “clássicos” bem conhecidos, primeiramente em hieróglifo cursivo e depois na escrita hierática. Grande número desses excertos chegaram até nós, escritos por alunos de competência variada, em pedaços de papiro, tabuinhas de madeira ou, o que era mais comum, em óstracos de calcário (DAVIES, 1996, p.124).

Além destes tipos de texto, havia ainda as “instruções” ou “ensinamentos”. O gênero é didático e acredita-se que tenha feito parte da ementa educacional dos escribas no Reino Médio. Segundo Shaw (2007, tradução nossa), instruções, do egípcio *sebayt*, também são chamados de “textos de sabedoria”. Trata-se de um tipo de texto em que podiam encontrar-se conselhos éticos e aforismos. Acredita-se que o exemplar mais antigo deste gênero literário seja da IV Dinastia.

Segundo Parkinson (1999, tradução nossa), podia-se escrever dos dois lados do óstraco e a escrita poderia ser organizada em linhas e colunas neste tipo de suporte.

Acredita-se ainda, que alguns usuários desta superfície de escrita não eram capazes de ler de forma satisfatória, apesar de conseguirem copiar os textos corretamente. Para Parkinson (1999, tradução nossa), faziam parte deste grupo de usuários, provavelmente, artesãos e artistas parcialmente alfabetizados.

### **7.3 A escrita em monumentos e objetos**

Utilizou-se a escrita em pedra no Egito Antigo de forma expansiva, além dos monumentos, que dividiam-se entre templos, tumbas, palácios, obeliscos, encontrava-se objetos de culto e de utilização da vida prática forjados em pedras como o basalto, alabastro, granito, entre outras. Utilizou-se a escrita em adornos e jóias, além de objetos como: estatuetas, estelas, tigelas, ferramentas e armas (LUCAS, 1926, tradução nossa). A escrita egípcia chega-nos aos dias atuais e pode ser estudada como consequência da variedade de suportes resistentes que utilizou-se para o registro do conhecimento religioso, literário e burocrático. Destaca-se que a diferenciação do tipo de suporte da escrita se dava de acordo com o texto que seria registrado:

- Textos funerários: encontravam-se em paredes de tumbas, estelas e objetos funerários – Reais e Particulares;
- Textos de culto ou religiosos encontravam-se em templos, estelas e estatuária – Reais e Particulares;
- Textos mágico religiosos como os “Textos das Pirâmides”, “Textos dos Caixões”, “Livro dos Mortos” entre outros, encontravam-se em tumbas, monumentos e objetos funerários, e papiros – reais e particulares, destacando-se a importância da palavra escrita para a passagem da alma para o outro mundo, já que o Livro dos Mortos apresenta-se como uma série de instruções a serem seguidas pela alma após a morte;
- Textos documentais como por exemplo documentos administrativos, contábeis, jurídicos, científicos e correspondências encontravam-se em suportes como papiros, rolos de couro, óstracos (que também utilizava-se de forma extensa para o exercício gramatical dos escribas) – Reais e Particulares;

- Textos literários como contos, romances, poesias, máximas, ensinamentos e sátiras que encontravam-se em suportes como papiros, tábuas e óstracos - neste caso, somente em caráter particular.

Como exemplo da escrita em objetos no Egito Antigo destaca-se a Pedra de Rosetta, fonte escrita que possibilitou a tradução da escrita egípcia antiga, é um dos exemplos do granito como suporte do registro escrito. A variedade de tipos de pedra no entanto abrange outros materiais. Procurou-se destacar alguns tipos de pedra que utilizava-se para a confecção de registros escritos, em monumentos e objetos. Utilizava-se pedras desde os períodos mais remotos de civilização, já no período Predinástico para a confecção de utensílios, entre eles, machados, facas, martelos, frequentemente contendo inscrições. Entre outras matérias-primas utilizadas para a confecção dos suportes estão o calcário, principalmente na confecção de óstracos, o mármore, a obsidiana, o arenito entre outros (LUCAS, 1926, tradução nossa).

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresenta-se como um estudo preliminar dos suportes de registro escrito da Antiguidade, considerando-se que o tema apresenta variadas possibilidades que podem ser abordadas. A partir disso, apresentou-se uma parte da cultura e escrita egípcias, em caráter introdutório, para embasar o tema central deste Trabalho de Conclusão de Curso - os variados suportes da escrita no Egito Antigo. Com a opção de estudo pelo Egito Antigo definiu-se o corte temporal, histórico e geográfico para a abordagem do tema, operando-se a partir de outras perspectivas no estudo da Antiguidade dentro da Biblioteconomia, trabalhando em conjunto com outras áreas do conhecimento.

No início da pesquisa buscou-se identificar os suportes da escrita, além do papiro, utilizados no Egito Antigo. Verificou-se que a literatura específica da área de Biblioteconomia para o estudo dos suportes na Antiguidade mostrava-se escassa, a partir disso, encaminhou-se a pesquisa bibliográfica através de literatura especializada nas áreas de Egptologia, Linguística e História, possibilitando uma convergência com a Biblioteconomia, em que o estudo da materialidade dos suportes e da preservação apresentam-se como pontos importantes do curso. Evidencia-se o Eixo I (Biblioteconomia em Memória, Patrimônio e Cultura) do curso de Biblioteconomia da UNIRIO que visa o "tratamento e gestão de registros do conhecimento e sua disseminação para a sociedade, bem como para a preservação da memória, do patrimônio e da cultura" (UNIRIO, ?).

Com a pesquisa bibliográfica, verificou-se a falta de literatura especializada em Biblioteconomia sobre o tema. Atualmente questiona-se sobre a variedade dos suportes eletrônicos da informação, sobre a permanência do livro de papel em detrimento aos e-books, e as relações disso com a preservação do conhecimento às gerações futuras. No Egito Antigo encontra-se inscrições hieroglíficas que sobreviveram ao tempo, muito porque estavam inscritas em monumentos e suportes mais resistentes que o papiro, podendo-se destacar a problemática da preservação também no contexto dos suportes da Antiguidade.

Destacou-se a descrição dos principais tipos de suporte da escrita, além de pigmentos

e instrumentos de escrita. Espera-se que este Trabalho de Conclusão de Curso possa contribuir para estudos futuros na área de Biblioteconomia com temas relacionados a Antiguidade e que também possa contribuir para o estudo da Biblioteconomia com áreas afins, buscando-se a convergência da área e suas possibilidades por meio da multidisciplinaridade.

## REFERÊNCIAS

ALLEN, James P. **Middle Egyptian**: an introduction to the language and culture of hieroglyphs. 2ª ed., rev. New York: Cambridge University Press. 2010. PDF.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

\_\_\_\_\_. **NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

\_\_\_\_\_. **NBR 14724**: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2011.

BATTLES, Matthew. **A conturbada história das bibliotecas**. Tradução João Vergílio Gallerani Cuter. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003.

BRANCAGLION JUNIOR, Antonio. **Estudos em egiptologia**. O livro dos mortos do egito antigo. 2011. Blog Internet. Disponível em: <<http://estudos-egiptologia.blogspot.com.br/2011/02/o-livro-dos-mortos-do-egito-antigo.html>>. Acesso em: 24 ago. 2016.

\_\_\_\_\_. **Manual de arte e arqueologia do egito antigo I**. Rio de Janeiro: Sociedade dos Amigos do Museu Nacional, 2003.

BRANCO, Pércio de Moraes. **Os pigmentos minerais**. [S.l.]: CPRM. Disponível em: <<http://www.cprm.gov.br/publique/Redes-Institucionais/Rede-de-Bibliotecas---Rede-Ametista/Canal-Escola/Pigmentos-Minerais-1263.html>>. Acesso em: 26 ago. 2016.

CHAMPOLLION. In: PORTAL DE PESQUISAS TEMÁTICAS E EDUCACIONAIS. **Sua Pesquisa.com**. 2016. Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/quemfoi/champollion.htm>>. Acesso em: 26 ago. 2016.

DAVIES, W.V. Os hieróglifos Egípcios. Tradução de Carlos Eugênio Marcondes de Moura. In: HOOKER, J. T. (introd.) : **Lendo o passado**: do cuneiforme ao alfabeto. A história da escrita antiga. Tradução de Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Edusp : Melhoramentos, 1996. PDF.

DICIONÁRIO INFORMAL. **Dicionário online de português**. 2017. Site. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/god%C3%AA/>>. Acesso em: 25 nov. 2016.

EYRE, Christopher. **The use of documents in pharaonic egypt**. Oxford: Oxford University Press, c2013.

FERREIRA, Lucas. **Jean-François Champollion**. Antigo Egito, 2010. Disponível em: <<http://antigoegito.org/jean-francois-champollion/>>. Acesso em: 26 ago. 2016.

GARDINER, Alan. **Egyptian Grammar**: Being an introduction to the study of Hieroglyphs. 3ª ed., rev. Oxford: Griffith Institute : Ashmolean Museum, 1957. PDF.

HART, George. **The Routledge Dictionary of Egyptian Gods and Goddesses**. 2ª ed., London ; New York: Routledge Taylor & Francis Group, c2005. Disponível em: <<http://www.obinfonet.ro/docs/relig/egipt/egyptgods.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2016.

HORNUNG, Erik. **Introducción a la egiptología**: estado, métodos, tareas. Traducción de Francesc Ballesteros Balbastre. Madrid: Trotta ; [Barcelona]: Edicions de la Universitat de Barcelona, c2000. (Série Próximo Oriente).

HOUAISS, Antônio. **Elementos de bibliologia**. Reimpressão fac-similar. São Paulo: HUCITEC: Brasília: INL/Fundação Nacional Pró-Memória, 1983.

LIMA, Iraci Candida de. **A gestão de preservação na formação do bibliotecário**: uma análise a partir do conteúdo ensinado no curso de Bacharelado em Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. 2015. 56 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia)-Faculdade de Biblioteconomia, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<http://www.unirio.br/unirio/cchs/eb/arquivos/tccs-acima-de-9/TCC-%20IRACI%20CANDIDA%20DE%20LIMA.pdf>>. Acesso em: 22 dez. 2016.

LUCAS, Alfred. **Ancient Egyptian Materials**. London: Edward Arnold & Co., 1926. PDF.

**MICHAELIS DICIONÁRIO BRASILEIRO DA LÍNGUA PORTUGUESA**. [2ª. ed.] rev., atual. e ampl. [São Paulo?]: Editora Melhoramentos, 2015. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=kGyM>>. Acesso em: 25 nov. 2016.

MYERSON, Daniel. **O linguista e o imperador**: Champollion, Napoleão e o mistério da pedra de Roseta. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

SÁ NETTO, Ismael. **O fascínio do antigo egito**. O conto de sinuhe. 2016. Site. Disponível em: <<http://www.fascinioegito.sh06.com/sinuhe.htm>>. Acesso em: 25 ago. 2015.

SALOMON, M. J. **Roger Chartier e a Atualidade da Ciência**. Tradução de Cristina Antunes. Hist. R., Goiânia, v. 14, n. 2, p. 511-519, jul./dez. 2009. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/historia/article/download/13541/8690>>. Acesso em: 09 nov. 2016.

SANTOS, M.E. Escrevendo em hieróglifos. **Leituras da História**. São Paulo: Editora Escala, n. 24, jan., p. 28-35, 2010.

SESHAT: LABORATÓRIO DE EGIPTOLOGIA DO MUSEU NACIONAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. **Seshat**. Rio de Janeiro, 2014. Site. Disponível em: <<http://www.seshat.com.br/seshat/>>. Acesso em: 23 ago. 2016.

SHAW, Ian. **The Oxford Illustrated History of Ancient Egypt**. London: Oxford University Press, 2000. PDF.

TÁVORA, Antônio Duarte Fernandes. A subsunção da categoria suporte de gêneros pela noção de interação. **Linguagem em (Dis)curso**, Santa Catarina, v. 12, n. 1, p. 299-324, jan./abr. 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-76322012000100014](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-76322012000100014)>. Acesso em: 01 jan. 2017.

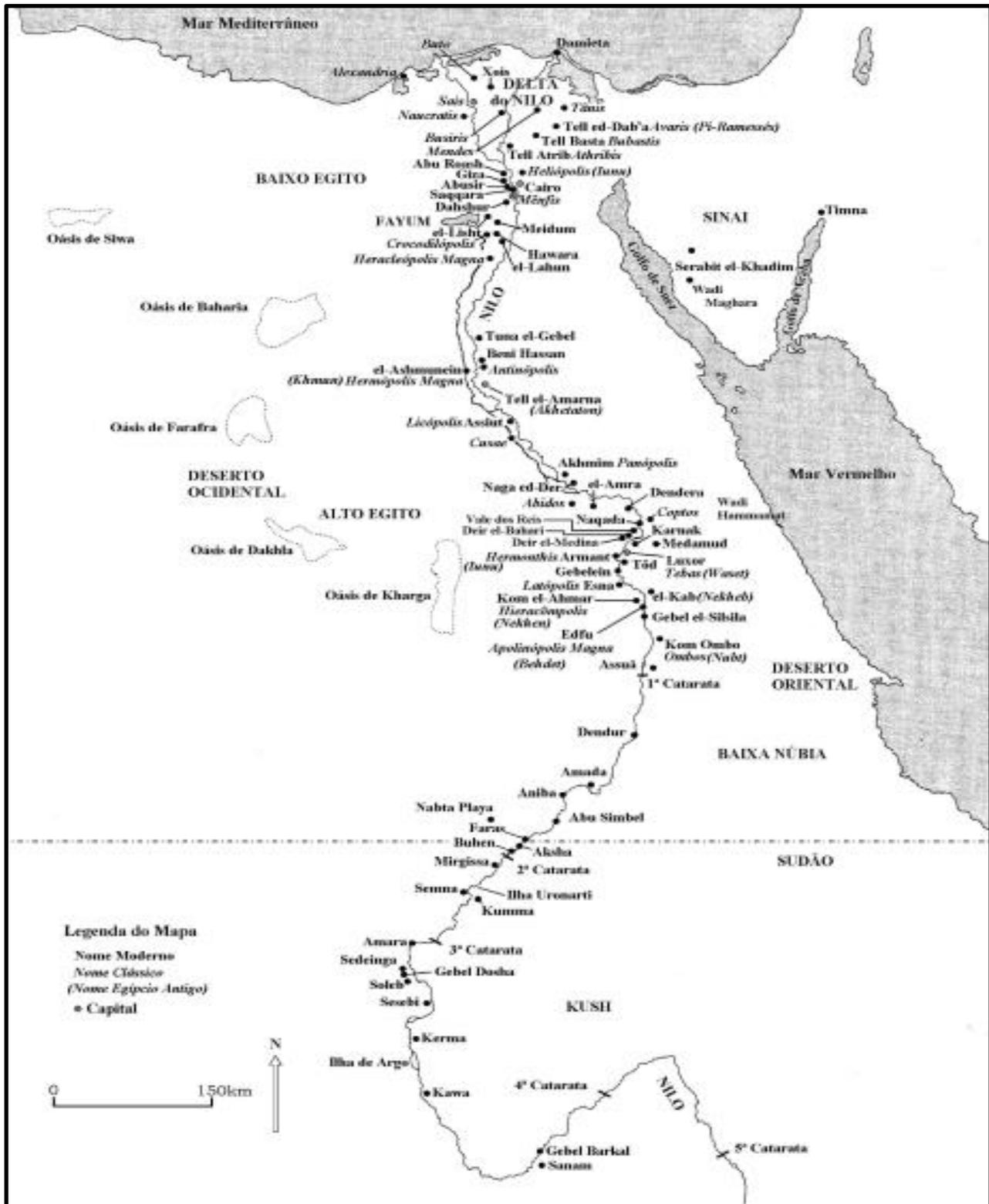
PARKINSON, Richard. **Cracking codes**: the rosetta stone and decipherment. Berkeley: University of California Press, 2009. PDF.

PINHEIRO, Ana Virgínia. **História do livro e das bibliotecas II**: planos de aula. Rio de Janeiro, c2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Centro de Ciência Humanas e Sociais. Escola de Biblioteconomia. **Opções do Eixo no 4º período.** Site. Disponível em: <<http://www.biblioteca.unirio.br/cchs/eb/Eixos.pdf/view>>. Acesso em: 22 dez. 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Faculdade de Educação. Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita. **Termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores.** Belo Horizonte. Site. Disponível em: <<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/apresentacao>>. Acesso em: 26 ago. 2016.

ANEXO A - Mapa do Egito e Sudão



Fonte: Brancaglion (2016)

## ANEXO B - Pedra de Rosetta



Pedra de Rosetta - Decreto real datado de 27 de março de 196 a.C.  
Ptolomeu V Epfânio  
Basalto H. 1,18 m  
Museu Britânico

Fonte: Museu Britânico

ANEXO C - Tipos de escrita

HIERÁTICO



(Papiro Harris, ano 32 de Ramessés II)

DEMÓTICO



(Texto Literário século III)

Fonte: Brancaglion (2016)

## ANEXO D - Unilíteres ou uniconsonantais

	<i>ʒ</i>		<i>b</i>		<i>h</i>		<i>ḳ</i>
	<i>i ou j</i>		<i>p</i>		<i>ḥ</i>		<i>k</i>
	<i>y ou jj</i>		<i>f</i>		<i>ḥ</i>		<i>g</i>
	<i>y</i>		<i>m</i>		<i>ḥ</i>		<i>t</i>
	<i>ɾ</i>		<i>m</i>		<i>s</i>		<i>ṭ</i>
	<i>w</i>		<i>n</i>		<i>s ou z</i>		<i>d</i>
	<i>w</i>		<i>n</i>		<i>ʃ</i>		<i>ḍ</i>

Fonte: Brancaglioni (2016)

## ANEXO E - Bilíteres ou biconsonantais

	<i>3w</i>		<i>wp</i>		<i>mn</i>		<i>ns</i>		<i>ht</i>		<i>šw</i>
	<i>3b</i>		<i>wn</i>		<i>mr</i>		<i>nd</i>		<i>hw</i>		<i>šn</i>
	<i>3h</i>		<i>wr</i>		<i>mr</i>		<i>h3</i>		<i>hn</i>		<i>šs</i>
	<i>iw</i>		<i>wḏ</i>		<i>mr</i>		<i>hw</i>		<i>hn</i>		<i>šd</i>
	<i>in</i>		<i>b3</i>		<i>mḥ</i>		<i>hm</i>		<i>hr</i>		<i>ḳd</i>
	<i>ir</i>		<i>bḥ</i>		<i>ms</i>		<i>hn</i>		<i>s3</i>		<i>k3</i>
	<i>is</i>		<i>p3</i>		<i>mt</i>		<i>hr</i>		<i>s3</i>		<i>km</i>
	<i>ʕ</i>		<i>pr</i>		<i>m(w)t</i>		<i>hs</i>		<i>s3</i>		<i>gm</i>
	<i>nb</i>		<i>pḥ</i>		<i>ʕḳ</i>		<i>ḥḏ</i>		<i>sw</i>		<i>gs</i>
	<i>nm</i>		<i>m3</i>		<i>ʕḏ</i>		<i>h3</i>		<i>sn</i>		<i>t3</i>
	<i>nn</i>		<i>mi</i>		<i>w3</i>		<i>ḥʕ</i>		<i>sk</i>		<i>ti</i>
	<i>nḥ</i>		<i>mw</i>		<i>wʕ</i>		<i>hw</i>		<i>š3</i>		<i>tp</i>

Fonte: Brancaglion (2016)

## ANEXO F - Trilíteres ou triconsonantais

	<i>i3m</i> <i>im3</i>		<i>m3<sup>c</sup></i>		<i>hpr</i>
	<i>iwn</i>		<i>nbw</i>		<i>hnt</i>
	<i>3nh</i>		<i>nṯr</i>		<i>hnm</i>
	<i>ḥ<sup>c</sup></i>		<i>nfr</i>		<i>spd</i>
	<i>w3h</i> <i>sk</i>		<i>ḥ3t</i>		<i>sšm</i>
	<i>w<sup>c</sup>b</i>		<i>ḥḳ3</i>		<i>šps</i>
	<i>wḥm</i>		<i>ḥtp</i>		<i>šms</i>
	<i>wsr</i>		<i>hrw</i>		<i>dw3</i>

Fonte: Brancaglion (2016)

## ANEXO G - Fases da língua e da escrita

FASES DA LÍNGUA E DA ESCRITA NO EGITO		
LÍNGUA	ESCRITA	DATA
<b>Egípcio Arcaico</b>	Hieroglífico	1ª e 2ª dinastias
<b>Egípcio Antigo</b>	Hieroglífico Hierático	Final da 3ª dinastia
<b>Egípcio Médio "Clássico"</b>	Hieroglífico Hierático	Final do I Período Intermediário a primeira metade da 18ª dinastia
<b>Neo-egípcio</b>	Hieroglífico Hierático Hierático Anormal (Tebas)	18ª -19ª din. ao final da 25ª din. 21ª-22ª a 25ª-26ª din.
<b>Demótico Antigo</b>	Hieroglífico Hierático Demótico Demótico Saítico Persa	26ª a 30ª dinastias
<b>Demótico Ptolomaico</b>	Ptolomaico Antigo Ptolomaico Tardio	IV século a.C
<b>Demótico Romano</b>	Demótico Romano	I século a.C.

Fonte: Brancaglion (2016)